

O MOVIMENTO DA DISCÓRDIA. O TRABALHO SIMBÓLICO NA MOBILIDADE SOCIAL

ALBERTINO GONÇALVES
UNIVERSIDADE DO MINHO

De forma breve, o autor analisa a abrangência do conceito de mobilidade social, à luz de um corpo teórico multivariado e, igualmente, com base na percepção empírica decorrente das suas próprias investigações sobre a "avaliação" que os naturais fazem aos emigrantes na terra de origem.

Briefly, the author analyses the social mobility concept's 'broadness, using as suport several theoretical approaches and his own work on the local inhabitants' "evaluation" of the emigrants.

A METÁFORA ESPACIAL

Como a própria designação o sugere, os estudos da mobilidade social socorrem-se habitualmente de metáforas de carácter espacial. Associa-se a sociedade a um espaço hierarquizado, repartido por lugares entre os quais os agentes se movem delineando trajectórias mais ou menos extensas. Estas trajectórias costumam ser apreendidas segundo duas escalas: uma, intrageracional, limita-se às mudanças ocorridas durante um certo período de vida dos próprios agentes; a outra, intergeracional, compara as posições de ascendentes e descendentes ao longo de várias gerações.

O espaço em que é concebida a mobilidade social pode ser gizado de forma mais ou menos sofisticada. Os esboços mais rudimentares contemplam apenas uma dimensão vertical. A imagem prevalecente é a da escada que os agentes sobem e descem. Podem todavia e com proveito construir-se espaços bidimensionais: a representação sinóptica do espaço social apresentada por Pierre Bourdieu distribui os diferentes grupos de agentes segundo dois factores principais: um vertical, o volume global de capital, outro horizontal, consoante a

estrutura de repartição desse capital (cf. Bourdieu, 1979). A imagem que transparece é agora a de um jogo de xadrez onde os agentes se deslocam vertical, horizontal e transversalmente. Mas é possível multiplicar o número de dimensões tornando a localização relativa dos agentes ainda mais fina e complexa. Análises multivariadas, designadamente as factoriais, permitem-nos aceder a uma representação das posições num espaço multi-dimensional susceptível de contemplar um número elevado de factores tais como o património económico, os rendimentos, o capital cultural, a origem social, a antiguidade na posição, a idade, o sexo, a etnia ou o lugar de residência. A imagem que agora sobressai é a de uma nuvem, ou melhor, de um agregado de nuvens com vários eixos e centros de gravidade.

O espaço social é dinâmico. Verificam-se mobilidades estruturais. Nos anos 20, Pitirim Sorokin (1927) constatou que os diferentes lugares (de classe) não permaneciam estáticos. Com o tempo mudam-se as posições relativas. Não são só os agentes que se movem no espaço; o próprio espaço move-se. Enquanto certos grupos descem outros sobem, ambos em bloco. A burguesia, por exemplo, logrou uma longa ascensão; já outras categorias, como a dos professores, se têm confrontado, nas últimas

décadas, com processos de declínio social. Neste quadro tornou-se famosa a imagem da escada rolante e dos indivíduos que se esfalfam a galgar degraus mantendo todavia, ou até perdendo, a sua posição social relativa. Perfila-se a este nível a ideia de uma tectónica social. À semelhança das placas da crosta terrestre também no espaço social ocorreria uma deriva dos lugares de classe.

O conceito de mobilidade estrutural alude ainda a uma outra realidade. Os diversos grupos de posições sociais não só se movem como vêem o seu peso alterado. Fala-se, por exemplo, da erosão ou da rarefacção das categorias agrícolas ou da expansão das novas classes médias. Esta evolução é, só por si, indutora de mobilidade: enquanto caudais de agricultores, e seus filhos, são canalizados para outros destinos, as novas classes médias recrutam, aspiram, uma boa parte dos seus membros noutras origens.¹

DI-VISÕES DO MUNDO

Quem é quem, de onde vem e para onde vai? Como é cartografado o espaço social e as trajectórias que o atravessam? De múltiplas e geralmente contraditórias formas... Nem os actores sociais nem os próprios sociólogos se entendem. Entramos em terreno polémico e movediço. Cada categoria social partilha um ponto de vista conforme a sua posição, os seus interesses e mundivivências. Sustenta o seu mapa, a sua (di)visão do mundo social, e defende-o face aos demais, num clima de "concorrência social generalizada" (Bertaux

and Thompson, 1997). Esta Babel sobrevive a qualquer tentativa de hegemonia por mais conseguida que seja.

Dir-se-à que é normal a diferentes posições corresponderem diferentes perspectivas. A equação não é todavia tão linear. As divergências de visões do mundo encerram muito mais do que uma mera discrepância de posições, logo de perspectivas. Ela radica no próprio olhar. Não são apenas os pontos de vista que diferem mas os próprios olhares. Recorrendo à sociologia fenomenológica, dir-se-ia que entre as distintas cartografias do mundo social as modificações mais do que noemáticas são sobretudo noéticas. Estão em causa os esquemas de percepção e avaliação da realidade. Face às "casas dos emigrantes", populares e diplomados não vêem a mesma coisa. De um modo geral, as suas percepções até são opostas. Num inquérito destinado a apreender o modo como diversas categorias de residentes classificavam os emigrantes, pedia-se a apreciação da seguinte frase: "as casas dos emigrantes destoam da paisagem" (cf. Gonçalves, 1996). Os resultados foram inesperados. Contra as expectativas teórica e empiricamente fundadas, à semelhança dos diplomados, uma boa parte dos pequenos patrões e independentes concordava com a "sentença". Entrevistas ulteriores esclareceram esta "anomalia": para os pequenos patrões e independentes, e numa lógica antípoda dos diplomados, se as "casas dos emigrantes" destoavam da paisagem era por "serem bonitas demais para sítios tão feios"! Eis um exemplo elucidativo do que se entende por discrepância de olhares.

Estes olhares, e os mapas sociais decorrentes, não são exteriores, não se

¹ Sobre este tipo de mobilidade estrutural, ver Bertaux (1978).

sobrepõem à realidade cartografada. São constitutivos dessa realidade, compõem-na. As visões do mundo social são parte activa e decisiva na própria divisão do mundo social. Não se limitam a actualizá-la, realizam-na. Não se pode compreender o espaço social, nem a mobilidade dentro desse espaço, sem considerar a visão, implícita ou explícita, construída pelas diversas categorias sociais. Neste novo quadro, as metáforas de carácter espacial resultam menos ajustadas. A inspiração vai beber a outras fontes: aos universos da economia, do jogo, do teatro...

A LUTA SIMBÓLICA DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL

Os actores sociais dispendem uma parte substantiva dos seus recursos, energias, tempo e engenho na actividade simbólica sobre a divisão mundo social. Este trabalho visa significar, consoante os olhares, o que ela é, de facto e de direito. Quais as propriedades que contam? Com que peso? Em que condições? Com que efeitos? Quem são os proprietários legítimos? Das respostas, polémicas, dependem as posições relativas dos agentes, assim como o sentido e o alcance das trajectórias. Cruciais, mergulhadas num clima de desacerto colectivo, estas questões propiciam uma das mais intensas e trágicas actividades sociais e humanas. Uma espécie de jogo viciado cujo enredo consiste na cotação e categoria de cada participante. As apostas são elevadas e o empenho notável. Mas não há entendimento quanto ao valor das cartas, i.e., das propriedades em jogo. Cada equipa parece jogar com um baralho distinto das demais. O que é trunfo? O que é negligenciável? E em que medida? A cada categoria social sua sentença, o

valor das cartas persistindo variável. O que para uns é emblema, noutros revela-se problema; o que uns avançam como símbolo de *status* logo outros interpretam como estigma.

É esta luta simbólica sem tréguas que nos explica, por exemplo, por que é que o valor de distinção social de um Mercedes em Portugal² fica aquém do obtido em França ou na Alemanha. Aliás numa claro desígnio de demarcação, circulam em Portugal automóveis com dísticos do género "sou um Mercedes mas o meu dono não é um pato bravo". À luz deste imbróglio semântico, tornam-se naturais situações como a de duas irmãs, uma emigrante economicamente desafogada, outra diplomada sempre residente no país, ambas convictas que conseguiram uma maior ascensão social do que a outra.

O modo como funciona o trabalho simbólico de divisão do mundo social é deveras complexo. A classificação social é sistémica. Quando classifico outrém, classifico-me. Posiciono-me: distancio-me, aproximo-me, matizo a relação. Tomo ao mesmo tempo posição face a terceiros: distancio-os ou aproximo-os seja de mim seja de quem classifico. Quando sustento que as casas dos emigrantes demonstram falta de gosto, por um lado, sugiro possuir o gosto que lhes falta, por outro, aproximo os emigrantes (e afasto-me) daqueles que reputo desprovidos dessa competência; inversamente, afasto-os e aproximo-me daqueles que a detêm. Esta série de efeitos torna-se de fácil leitura quando, por

² Em Portugal, a propriedade de um Mercedes é amiude associada a categorias sociais tais como os "empreiteiros", os "patos bravos", "novos ricos", em suma ao capital sem lustre de antiguidade e cultura.

exemplo, associao, directa ou indirectamente, as casas dos emigrantes às da Trofa, dos novos ricos, dos patos bravos e outras que tais, todas rotuladas de nefastas manifestações do “mau gosto pacóvio”. Ao jeito de P. Bourdieu, pode-se inclusive avançar que o alcance de um acto classificatório pode ultrapassar a categoria alvo e vizinhas. Pode atingir categorias que ocupem noutros campos posições homólogas. Por exemplo, os emigrantes no espaço social e os neófitos no campo da cultura cujo acesso, ao contrário dos herdeiros, assenta quase exclusivamente na acumulação de capital escolar.

No processo de classificação social, os valores das propriedades não são substantivos. Dependem dos contextos e dos avaliadores. Formam o enredo e não o ponto de partida. Nem os factores mais clássicos fogem à regra da disparidade de critérios. Interrogados sobre o que mais conta e o que mais devia contar para se subir na sociedade, as pessoas ora assinalam o dinheiro, ora os diplomas, ora a competência, ora o trabalho, ora a sorte, ora a origem familiar... O valor das propriedades, atributos e gestos depende ainda de quem os ostenta. Num dia de Todos-os-Santos, uma mulher de emigrante decora a campa com flores caras. Comentários em redor: “Olha que flores! Por quem se toma? Nem que fosse doutora...” Deste modo, um mesmo acto tanto pode creditar como descreditar consoante quem o pratique. Numa espécie de *qui pro quo*, quem previa valorizar-se resulta desvalorizado, porque o que fez não lhe é próprio mas sim de gente de outra classe, de “doutores”...

Em termos de classificação social, tudo é passível de ser objecto de trabalho simbólico.

Até as coisas mais ínfimas e espontâneas, sem aparente relevância sociológica. Esta luta simbólica processa-se, certamente, ao nível dos movimentos sociais e dos discursos político-ideológicos³. Mas também tem sede na turbulência das atitudes e dos comportamentos do dia a dia, de aparência ocasional e gratuita. Um último exemplo. No nosso quotidiano, deparamo-nos amiúde com compactas filas de espera de quando em vez cortadas por pequenos intervalos. Normalmente são protagonizados por pessoas que, incomodadas com a excessiva proximidade dos corpos, conseguem abrir distância à sua frente mas não na retaguarda. Provavelmente, estas pessoas ciosas do seu espaço pessoal, da sua “muralha de honra” (Durkheim, 1924:51), não pertencem às classes populares. A sua proxémia⁴ remete para outras “esferas (de intimidade)” (Simmel, 1981: 223-238). Ricos em significado para a classificação social, comportamentos como este, nem sempre deliberados, minúsculos, confinados, repetem-se e multiplicam-se ao infinito. Povoam a nossa vivência comum. Agregam-se, contradizem-se, orquestram-se numa complexa semiose social. Neles se investem e reconhecem os agentes sociais. Tenazes, contribuem para a configuração do espaço social e, portanto, da própria mobilidade social.

Estudar a mobilidade social atendo-se apenas à sua espacialização, aos itinerários e fluxos observados num espaço objectivado, é reificar o que a sociedade tem porventura de mais vivo e dialéctico, saltar por cima da mais corrente e empenhada actividade social. Sobrepor mais uma (di)visão do mundo social...

³ Ver, por exemplo, Boltanski (1979: 45-63).

⁴ Sobre o conceito de proxémia, ver Hall (1971).

BIBLIOGRAFIA

BERTAUX, D., THOMSON, P

1997. *Pathways to Social Class. A Qualitative Approach to Social Mobility*, Oxford, Clarendon Press.

BOLTANSKI, LUC

1979. "Taxinomies sociales et luttes de classes: la mobilisation de 'la classe moyenne' et l'invention des 'cadres'", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 29, Set, 45-63.

DURKHEIM, ÉMILE

1924. *Sociologie et philosophie*, Paris, Alcan, 51.

GONÇALVES, ALBERTINO

1996. *Imagens e Clivagens. Os Residentes face aos Emigrantes*, Porto, Ed. Afrontamento.

HALL, EDWARD T.

1971. *La dimension cachée*, Paris, Éd. du Seuil.

SIMMEL, GEORG

1981. *Sociologie et épistémologie*, Paris, P.U.F., 223-238.